

VOLTA PARA O LUGAR DE ONDE VEIO! O LUGAR DA XENOFOBIA E A DEMARCAÇÃO SOCIAL

Go Back to Where you Came From! The Place of Xenophobia and Social Demarcation

Eric Gustavo Cardin*

Resumo: A pesquisa explora o uso instrumental da xenofobia como ferramenta de desclassificação social no período da pandemia de Covid-19, mais especificamente durante o ano de 2020. Para tanto, organizamos e analisamos os casos reportados em jornais de grande circulação do Brasil utilizando o Atlas.ti. O texto encontra-se organizado em duas partes. Na primeira, encontram-se alguns casos representativos do uso instrumental da xenofobia, enquanto na segunda são problematizadas as denúncias realizadas pela imprensa. Juntas, iluminam o lugar onde se encontra as condições para a constituição e a manutenção da xenofobia como um recurso de demarcação e exclusão.

Palavras-chave: xenofobia, migração, imprensa.

Abstract: The research explores the instrumental use of xenophobia as a tool of social declassification in the period of the Covid-19 pandemic, more specifically during the year 2020. To this end, we organize and analyze the cases reported in large circulation newspapers in Brazil using the Atlas.ti. The text is organized in two parts. In the first, some representative cases of the instrumental use of xenophobia are found, while in the second, the denunciations made by the press are problematized. Together, they illuminate the place where the conditions for the constitution and maintenance of xenophobia are found as a resource of demarcation and exclusion.


Keywords: xenophobia, migration, press.

Introdução

O olhar desconfiado se revelou. Aquele rosto que muitas vezes se virava para evitar o cruzamento de olhares ou simplesmente para disfarçar qualquer desconforto foi lentamente substituído por uma postura empoderada de razão que supostamente passou a lhe conceder autoridade para julgar. Não, muito mais do que um simples mirar. Esbravejar. Lhe permitiu expressar sentimentos escondidos, camuflados em nossa falsa democracia racial, em nossa lacaia hospitalidade. Aquele que um dia veio nos ajudar a construir a cidade, levantar os prédios, produzir nas indústrias, tornou-se massa indesejada acompanhando movimentos econômicos e políticos ideológicos que constroem imaginários efêmeros de quem é o outro.

Pessoa, sujeito, individuo, sujeito, macaco. Ele come morcego e cachorro. O Covid-19 vem por um *delivery* do bairro chinês. Os comunistas canibais da ditadura militar brasileira tornaram-se comunistas primitivos comedores de

* Doutor em Sociologia. Pós-doutor em Antropologia Social. Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Coordenador do Laboratório de Pesquisa, Ensino e Extensão "Fronteiras, Estado e Relações Sociais" (LAFRONT). Contato: eric.cardin@unioeste.br.



animais rastejantes e voadores, que possuem a ambição de conquistar o mundo espalhando uma praga pelo globo, ou melhor, um vírus, o coronavírus. Assim, todos seus compatriotas são, de alguma forma, cúmplices. Não importam onde estão, nem o que fazem. Esta história ridícula e sem fundamento, por mais desconectada que possa parecer, permitiu que muitas “pessoas de bem”, no intuito de garantir sua posição de classe, utilizasse de recursos de linguagem para constranger e deslegitimar grupos étnicos que, supostamente, pudessem ameaçar aqueles supostamente já estabelecidos.

O período de distanciamento social exigido pela pandemia explicitou contradições sociais de diferentes níveis. A distância econômica entre pobres e ricos foi escancarada, fundada em uma distribuição de renda extremamente desigual. Contudo, não são apenas os elementos estruturais, alicerçados nos antagonismos da relação capital e trabalho, que foram aflorados no silêncio da quarentena. A crise no mercado de trabalho, com a extrema precarização das ocupações existentes e a ampliação do exército de trabalhadores de reserva, atingiu a população mais vulnerável. Os gritos da violência doméstica também ecoaram com maior facilidade, assim como a degradação e a consequente explosão derivada do atrito nas relações de gênero. Enfim, a efervescência social de um país sem uma administração federal decente alimentou o fogo em um lugar onde antes apenas havia calor.

Diante deste contexto, o problema de estudo apresentado na pesquisa explora o uso instrumental da xenofobia como ferramenta de desclassificação social no período da pandemia de Covid-19, mais especificamente durante o ano de 2020. Para tanto, analisamos casos reportados em alguns jornais de grande circulação do Brasil utilizando o *Atlas.ti* como ferramenta para organizar e relacionar as categorias mais representativas nas publicações. Em um segundo momento, problematizamos os dados obtidos por meio de um estudo qualitativo, utilizando como referência as contribuições realizadas por Norbert Elias e John L. Scotson (2000), na obra os “Os estabelecidos e os outsiders”, e com Erich Fromm (1972), em “O medo à liberdade”.

O texto encontra-se organizado em duas partes. Na primeira, apresento alguns casos representativos daquilo que categorizo como uso instrumental da xenofobia, demonstrando como o uso da linguagem se configura como uma arma importante no processo de definição das fronteiras entre estabelecidos e outsiders. Além disso, problematizamos o papel das instituições no processo de reprodução do preconceito. Por fim, no segundo momento, nos concentramos nas denúncias realizadas pela imprensa e nos fatos ocorridos de maneira mais direta, buscando analisar o lugar onde se encontra as condições para a constituição e a manutenção da xenofobia como um recurso de demarcação e exclusão.

A xenofobia como arma

De maneira objetiva, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR, 2019, p. 20) define xenofobia como “o sentimento de aversão, desconfiança, medo, antipatia, rejeição em relação ao estrangeiro, ao que vem de outro país, ao que vem de fora”. Indo além, destaca que ela “se manifesta em atitudes discriminatórias e, muitas vezes, violentas, tanto verbais como físicas e psicológicas contra migrantes” e “podem ser encontradas em políticas adotadas por países que buscam restringir fluxos migratórios”.

A definição atemporal exposta anteriormente tem a sutileza e, ao mesmo tempo, a crueldade da dialética. Ao mesmo tempo em que ela não fala diretamente de ninguém, ela fala de todos nós. Ao mesmo tempo em que ela é imprecisa historicamente, ela implacável no passado, no presente e no futuro. Assim como ocorre com as práticas xenofóbicas. Sim, elas sempre ocorreram, mas suas manifestações e latências estão relacionadas as oscilações políticas, econômicas e sociais vividas nos diferentes momentos da humanidade.

Há períodos históricos em que a xenofobia se coloca como um problema social mais gritante e urgente, enquanto em outros ela fica adormecida (isso não

quer dizer que esteja ausente ou inexistente). Ao menos a pesquisa realizada nos aponta esta tendência. Na falta de condições concretas para um trabalho de maior folego, devido à ausência de financiamento para a realização de pesquisa de campo e a epidemia de coronavírus, optamos pela utilização de fontes secundárias, mais especificamente reportagens publicadas em mídias digitais sobre casos de xenofobia.

Os endereços das páginas com as matérias analisadas foram obtidos pelo recebimento de mensagens eletrônicas produzidas e enviadas pelo dispositivo Google Alerts. Para tanto, a ferramenta foi configurada para encaminhar notificações semanais sobre as publicações referentes aos casos de xenofobia ocorridos no Brasil durante junho de 2020 e maio de 2021. Entre as inúmeras postagens disponibilizadas, escolhemos as situações ou ocorrências que receberam maior cobertura jornalística ou que possuíam semelhança com um volume significativo de outras situações noticiadas pela imprensa brasileira.

No momento de definição dos casos, não foi considerado a nacionalidade da pessoa discriminada, o gênero das vítimas ou a região do Brasil onde os fatos ocorreram. Em síntese, apresentamos apenas um estudo exploratório e qualitativo de nove situações que receberam destaque no período recortado. Por meio da nuvem de palavras produzida pelo software Atlas.ti, observa-se que as reportagens exploram de maneira mais intensa casos sofridos por populações que não correspondem aos grupos étnicos inseridos nos processos mais numerosos de migração para o Brasil no Século XXI. Tal situação sinaliza que a xenofobia não possui uma relação exclusiva com a intensidade dos movimentos, mas também com as dinâmicas sociais do país receptor.

Figura 1 – Termos em destaque

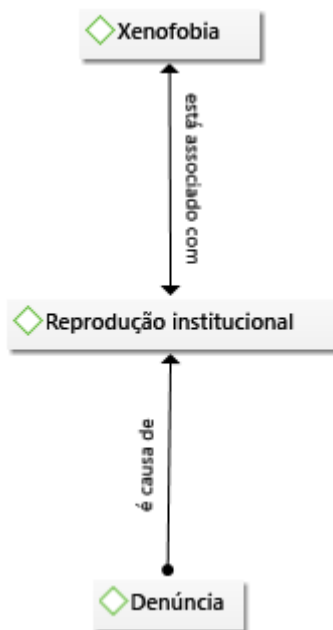


Fonte: Produzido pelo autor por meio da utilização do Atlas.ti.

A Figura 1 é constituída pelas palavras mais presentes nos artigos de jornais que foram reunidos para a investigação realizada, aquelas com maior destaque correspondem às que aparecem de maneira mais frequente. Como não poderia ser diferente, a palavra-chave da nuvem é “xenofobia”, acompanhada de “Brasil”. No entanto, destaca-se na imagem a importância que os termos “chineses”, “chinês”, “universal”, “angolanos”, “pandemia”, “privacidade” ganham, enquanto “haitianos” e “venezuelanos” aparecem redigidos em fonte menor e menos centralizados, expressando o lugar ocupado nas reportagens utilizadas.

A demonstração visual desta questão não é a afirmação de que o imaginário existente no Brasil sobre venezuelanos e haitianos está melhorando ou, por outro lado, que hoje somos mais preconceituosos em relação aos angolanos e chineses, mas que a concepção existente sobre o “outro” oscila, acompanhando os movimentos contextuais, políticos, econômicos e ideológicos que se fazem presente em determinado momento histórico. Quando o processo migratório de determinada etnia ganha uma maior visibilidade por uma causa específica, seja um desastre ambiental, um atentado terrorista ou a mundialização de um vírus, observa-se também o surgimento de um maior número de casos de xenofobia.

Figura 2 – Mecânica da xenofobia



Fonte: Produzido pelo autor por meio da utilização do Atlas.ti.

As reportagens apresentam uma estrutura semelhante, mesmo abordando grupos étnicos distintos e problemas sociais específicos. Em grande medida, ini-

ciam explorando as denúncias e/ou as condições no qual se encontram os migrantes e refugiados em determinadas localidades do país. Em um segundo momento, buscam problematizar os elementos causais, onde se expressa a importância das instituições sociais na reprodução das práticas xenofóbicas e, conseqüentemente, na produção de um preconceito estrutural, que se faz presente nos discursos e nas políticas.

Fisgar a reprodução estrutural da xenofobia no contexto pesquisado corresponde a um momento ímpar, pois permite constatações reveladoras. A maior ou menor manifestação da xenofobia é uma questão contextual. O tamanho das comunidades de migrantes ou a intensidade dos processos migratórios não são aspectos determinantes de como um grupo étnico será recebido e representado no país de destino, tão importante quando os números populacionais é a conjuntura social, política e econômica que alimentam as relações vivenciadas em cada período histórico.

Neste sentido, as instituições sociais, por meio de suas práticas e discursos, tornam-se determinantes na reprodução dos imaginários construídos sobre os diferentes grupos, direta ou indiretamente. Os migrantes e refugiados tornam-se essenciais durante o processo de expansão do capital ao ampliarem o exército de trabalhadores de reserva e ao ocuparem vagas não preenchidas pelos moradores naturais do país, o que cria um ambiente favorável e de hospitalidade. Tal situação é rapidamente modificada quando ocorrem oscilações econômicas e as ocupações anteriores começam a ser reivindicadas pelos “locais”.

A recente migração haitiana e venezuelana é exemplar, pois a assimilação das comunidades étnicas esteve vinculada diretamente com o desempenho econômico e político do Brasil. Em momentos de recessão econômica, a xenofobia se manifesta e a força de trabalho que antes era fundamental para acumulação de capital torna-se rapidamente indesejada. A partir desta fase, as diferentes instituições interessadas na reprodução do modelo econômico hegemônico atuam na reprodução de discursos ou, simplesmente, através da omissão dos conflitos derivados das relações entre capital e trabalho.

As reportagens publicadas sobre o trabalhador haitiano, que, segundo a notícia (RAMOS, 2021), sofreu assédio moral e foi agredido fisicamente pelos seguranças de um frigorífico, e outra referente as investigações abertas pelo Ministério Público Federal contra possíveis crimes tipificados como xenofobia contra venezuelanos realizados por candidatos à prefeitura de Boa Vista/RR apontam os limites da hospitalidade do brasileiro. Objetivamente, o migrante torna-se um “problema” quando ele concorre pelos mesmos direitos que o cidadão nacional e o preconceito originado dos processos sociais de construção de estereótipos

torna-se instrumental para estabelecer a demarcação social e a manutenção de relações desiguais. Os crimes investigados em Roraima explicitam tal posição.

Segundo a Folha BV (2021),

As postagens em redes sociais dos candidatos à prefeito em Boa Vista chamaram atenção por suposto conteúdo xenofóbico. Nas imagens de Nicoletti, o candidato diz que “na sua gestão municipal “venezuelano não terá privilégio”. Já na de Gerlane, a candidata diz que vai limitar os atendimentos na saúde e vagas nas escolas para os imigrantes.

Os apontamentos realizados vão ao encontro das observações realizadas por Norbert Elias e John Scotson (2000) quando enfatizam sobre a necessidade de pensarmos e estudarmos o preconceito por uma “*abordagem configuracional*”, superando as leituras que observam o problema de maneira isolada, como uma questão de educação, afetiva ou de formação individual. Segundo os autores:

Estamos mais acostumados a perceber as questões que lhes estão ligadas como uma multiplicidade de problemas sociais locais do que encará-las como um problema sociológico. Os aspectos migratórios da mobilidade social são um exemplo disso. Às vezes, são concebidos simplesmente como aspectos geográficos: tudo o que parece acontecer é as pessoas se deslocarem fisicamente de um lugar para outro. Na realidade, elas sempre se deslocam de um grupo social para outro. Sempre têm que estabelecer novos relacionamentos com grupos já existentes. Têm que se acostumar com o papel de recém-chegados que tentam fazer parte de grupos com tradições já estabelecidas ou que são forçados a uma interdependência com eles, tendo que lidar com os problemas específicos desse novo papel. Muitas vezes lhes é atribuído o papel de outsiders em relação aos grupos estabelecidos e mais poderosos, cujos padrões, crenças, sensibilidade e costumes são diferentes dos seus (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 174).

Migrar não é uma ação que começa e termina em um deslocamento físico e geográfico. Migrar envolve uma mudança nas relações sociais que até então foram estabelecidas, o que exige a busca por espaço e sobrevivência em um universo onde há um conjunto de padrões sedimentados.

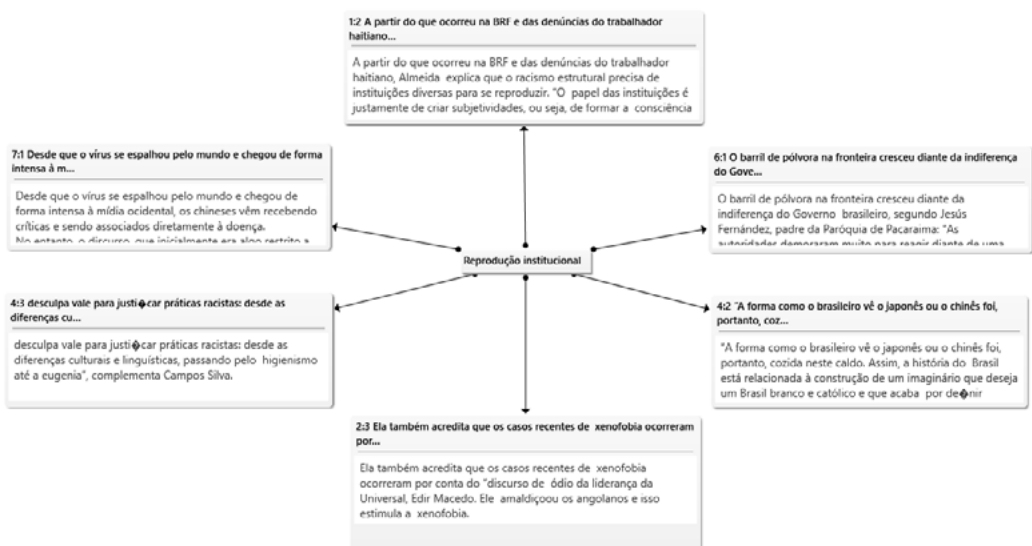
Os recém-chegados empenham-se em melhorar sua situação, enquanto os grupos estabelecidos esforçam-se por manter a que já têm. Os primeiros se ressentem e, muitas vezes, procuram elevar-se do status inferior que lhes é atribuído, enquanto os estabelecidos procuram preservar o status superior que os recém-chegados parecem ameaçar. Postos no papel de outsiders, os recém-chegados são percebidos pelos estabelecidos como pessoas “que não conhecem seu lugar”; agridem-lhes a sensibilidade, portando-se de um modo que, a seu ver, traz claramente o estigma da inferioridade social; no entanto, em muitos casos, os grupos de recém-chegados tendem inocentemente a se conduzir ao menos por algum tempo, como se fossem iguais a seus novos vizinhos. Os mais “antigos” levantam sua bandeira, lutam por sua superioridade, seu status e poder, seus padrões e suas crenças, e em quase toda parte utilizam, nessa situação, as mesmas armas, dentre elas os mexericos humilhantes, as crenças estigmatizantes sobre o grupo inteiro, com base em observações sobre seu pior setor, os estereótipos verbais degradantes e, tanto quanto possível, a exclusão de qualquer oportunidade de acesso ao poder – em suma, as características que costumam ser abstraídas da confi-

guração em que ocorrem sob rótulos como “preconceito” e “discriminação” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 174-175).

Os grupos sociais compostos por migrantes ao buscarem inserção social e laboral, além do acesso aos mais diferentes direitos, precisam “negociar” com aqueles que já estão estabelecidos. A condução desta negociação e o sucesso (ou não) das buscas por melhores condições de vida e por mobilidade social no país de destino são influenciadas pela configuração histórica que possibilita (ou não) os estabelecidos realizarem “concessões” (mesmo tratando de direitos universais). Neste contexto, qualquer possível ameaça que os estabelecidos possam sofrer, mesmo que esta seja apenas uma construção midiática ou circunstancial, faz com que os habitantes mais antigos ataquem os outsiders como um mecanismo de defesa.

A estigmatização, a xenofobia, a violência física e simbólica, são as armas mais comuns nestas situações, sendo que o uso delas, como foi afirmado, relaciona-se diretamente com a configuração social vivida. Os casos das reportagens sobre os migrantes haitianos e venezuelanos expressam situações em que a percepção dos outsiders é negatizada no processo de “negociação” de espaço e direitos com aqueles que já se encontram estabelecidos. Entretanto, a pesquisa realizada demonstra que no período analisado outros grupos étnicos ganharam maior destaque e sofreram um conjunto de ataques circunstanciais mais expressivo, apresentando outras instituições no processo de reprodução estrutural da xenofobia e sinalizando, de maneira efetiva, a “oscilação configuracional” nas vítimas de preconceito.

Figura 3 – A reprodução institucional



Fonte: Produzido pelo autor por meio da utilização do Atlas.ti.

Destacam-se dois casos exemplares. O primeiro diz respeito aos casos de xenofobia sofridos por angolanos e angolanas que vivem no Brasil após o governo de Angola ter solicitado formalmente a retirada da Igreja Universal do Reino de Deus de seu território (MERLINO, 2020). Segundo a reportagem:

o líder da IURD Edir Macedo afirmou que os angolanos que romperam com a igreja estão amaldiçoados por serem “rebeldes” interessados em dinheiro e em si mesmos. “Sempre houve rebeldes em Angola, gente que não está interessada em almas, mas está interessada nos seus bolsos, interessada em si mesma. Então eles carregam a imagem do terreno, a imagem da rebeldia, estes já estão amaldiçoados, [...] e eu diria àqueles que são de Deus, fujam desse pessoal rebelde, não se aliem com ele porque a boca do inferno vai se abrir e eles todos vão descer com a sua família, com seus filhos, todos serão amaldiçoados, eles vão deixar uma maldição para as suas gerações... se deixarem gerações” (MERLINO, 2020).

O atrito entre a igreja e o governo angolano promoveu a reprodução de discursos por parte dos seguidores e simpatizantes da IURD, criando desconforto para uma população que até então não possui problemas similares no Brasil. A xenofobia, a discriminação, aparece então como uma arma para demarcar o lugar dos migrantes, uma arma requisitada em uma configuração social que até então não existia. Embora o preconceito pudesse estar presente de maneira silenciosa, foram os acontecimentos históricos que os fizeram manifesto, com o intuito de reforçar a demarcação social entre estabelecidos e outsiders.

O segundo caso, que representa a quantidade mais significativa de denúncias reportadas durante os anos de 2020 e 2021, diz respeito aos ataques realizados aos migrantes asiáticos, com maior ênfase aos chineses e chinesas. O início da pandemia e a procura pela origem do vírus causador da COVID-19, promoveu a proliferação de intrigas internacionais a respeito do assunto. Enquanto diferentes cientistas investigavam a possibilidade de o vírus ter saído de laboratórios (de forma proposital ou acidental), outros vinculavam sua origem aos processos de desmatamento e do consumo de proteína derivada de animais silvestres

Em quase todas as possibilidades, os olhares se direcionavam para a China e as análises buscavam esmiuçar a proposta de desenvolvimento existente, os hábitos culturais, os avanços tecnológicos e o processo de silenciamento e de controle das informações sobre a difusão do coronavírus naquele país. Contudo, os debates acadêmicos e as discussões geopolíticas não limitaram aos seus campos específicos. A extensão das consequências da contaminação em massa, vitimando milhares de pessoas e estagnando diversos setores econômicos, assim como das medidas necessárias para diminuir a circulação do vírus, desestabilizou as relações sociais até então existentes.

A situação descrita, que já traz inúmeros problemas, é agravada ao somar-se com posições e discursos difundidos por simpatizantes da extrema-direita e do fascismo que, dentro do mandato de Jair Bolsonaro, tornaram-se mais expressivos. Desta mistura indigesta, surgiu uma nova patologia, o *covid-comunista*. Assim, da ignorância e da má-fé nasceu uma criatura bizarra, um vírus com posição política. No bojo dos discursos ideológicos, que aos gritos tentava expulsar o espírito do comunismo supostamente existente no Brasil, o presidente da república e seus seguidores associavam a crise sanitária ao viés político-econômico chinês.

A situação é paradoxal ao se incriminar um país e seu povo por um agente patológico no intuito de colar a imagem da doença a um perfil político-ideológico, ao mesmo tempo em que, o mesmo país, corresponde ao maior importador de commodities do Brasil e um dos maiores fornecedores de produtos manufaturados e com tecnologia agregada. A contradição expressa um jogo de interesses rasteiro onde busca-se estabelecer uma separação entre economia e política por meio da construção e difusão de “teses” infundadas, as denominadas *fake news*.

Pedro Lovisi (2020), em reportagem publicada pelo jornal “Estado de Minas Gerais”, por exemplo, explorou o assunto e o papel que a família Bolsonaro teve na reprodução de tais ideias:

No final de março, o deputado Eduardo Bolsonaro culpou o país asiático pela disseminação do vírus no mundo. Na ocasião, o parlamentar chegou a comparar a pandemia com o acidente nuclear de Chernobyl e a China com a União Soviética (Estado socialista que se dissolveu em 1991). A declaração, inclusive, gerou uma crise diplomática com o país que hoje é o maior parceiro comercial do Brasil.

O esforço em fazer uma demarcação ideológica dos grupos sociais, trouxe consequências para os migrantes no Brasil. A matéria produzida por Lovisi (2020) apresenta relatos de diferentes membros da comunidade chinesa que ilustram a conjuntura criada e reproduzida pelo próprio governo federal brasileiro. Entre eles encontra-se “Roberto”, dono de um restaurante chinês em Belo Horizonte. Segundo o entrevistado:

“O chinês não tem culpa, a doença não tem origem. Inclusive, o primeiro caso no Brasil veio da Europa, e não da China. O preconceito com a China não tem razão, eu não gostaria de sofrer esse preconceito. Ainda tem gente que fala que a China é que criou o vírus, mas isso é completamente mentiroso. Nós fomos as primeiras vítimas. Se nós tivéssemos criado, não seríamos tão burros de mandar pra gente primeiro, e sim para os outros” (LOVISI, 2020).

Raquel Torres (2021) sinaliza que a xenofobia contra a população chinesa no Brasil é antiga, derivada das políticas criadas para garantir a ocupação territorial e a mudança no perfil da força de trabalho após abolição da escravatura ainda no Brasil Império. Naquele momento a população desejada era fundamentalmente

branca e cristã, o que criava uma situação de desconforto para os migrantes de origem asiática. Neste sentido, Torres (2021) destaca:

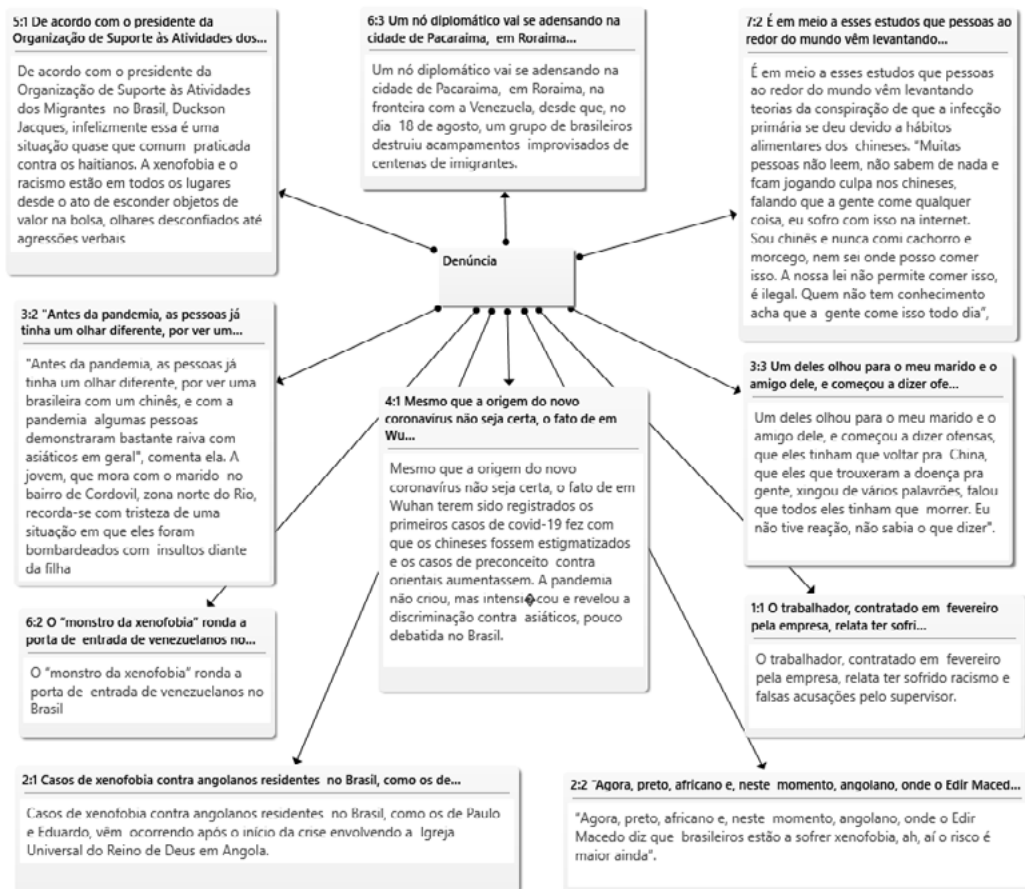
Mesmo que a origem do novo coronavírus não seja certa, o fato de em Wuhan terem sido registrados os primeiros casos de covid-19 fez com que os chineses fossem estigmatizados e os casos de preconceito contra orientais aumentassem. A pandemia não criou, mas intensificou e revelou a discriminação contra asiáticos, pouco debatida no Brasil (TORRES, 2021).

A existência de dispositivos que garantam a reprodução dos discursos e das práticas xenofóbicas é fundamental na manutenção do preconceito. Nas reportagens apresentadas até o momento visualizam-se como agentes públicos e legitimados pelo lugar onde ocupam na política e na religião, municiam parte da população a utilizarem as palavras e o discurso para demarcar o lugar do outro, do outsider. Em todos os casos, a xenofobia foi uma ferramenta usada para defender a posição de grupos estabelecidos, negatizando aqueles que, de maneira direta ou indireta, podem enfraquecer o status e o poder daqueles que se encontram estabelecidos.

A xenofobia como fraqueza

Os elementos apresentados indicam que a xenofobia é uma arma utilizada no processo de demarcação de fronteiras. De modo geral, o seu uso está relacionado com possíveis alterações nas relações assimétricas entre diferentes grupos étnicos. Neste contexto, nos interessa problematizar a apropriação deste recurso, pois as respostas oferecidas pelos sujeitos sociais têm relação com as trajetórias e experiências acumuladas. O ataque como ação de resolução dos problemas sociais enfrentados no cotidiano é uma das estratégias possíveis, mas não a única, o que exige a reflexão e a exploração dos elementos sociais vinculados com tal escolha.

Figura 4 – As denúncias



Fonte: Produzido pelo autor por meio da utilização do Atlas.ti

Entre os casos analisados, dois apresentaram denúncias de violência física, todos os demais envolveram violência psicológica, expressa através de ameaças e ofensas. Em um deles, o trabalhador haitiano advertido oralmente por uma suposta falta no serviço, foi retirado a força do setor de recursos humanos e agredido fisicamente pelos seguranças da empresa terceirizada responsável pelo setor no frigorífico (RAMOS, 2021). Já o segundo caso diz respeito ao ataque realizado por brasileiros ao acampamento erguido por migrante venezuelano em Boa Vista/RR, supostamente como represália à supostos furtos que estariam sendo cometidos pelos migrantes na cidade (MAGNO, 2018).

Nota-se que a última reportagem abordou um fato ocorrido no ano de 2018, que foge do recorte temporal utilizado neste estudo. Contudo, a situação descrita, a destruição das barracas e a expulsão dos migrantes, corresponde a uma memória recorrente nas notícias posteriores quando o preconceito aos migrantes

venezuelanos é abordado. Não suficiente, existe um longo hiato no aparecimento da palavra-chave xenofobia nas publicações referentes à comunidade. De 2018 a julho de 2021, a palavra foi utilizada apenas três vezes, na reportagem de Magno (2018) e em duas matérias publicadas pela Folha de Boa Vista em outubro e novembro de 2020 (FOLHA BV, 2020a; 2020b).

O aparente problema metodológico explicita a existência de dois aspectos importantes no universo das publicações sobre o tema. Primeiramente, uma dificuldade na utilização do termo técnico, pois muitas situações reportadas nos periódicos são tipificadas por preconceito e racismo, sem adoção da palavra xenofobia. Em segundo lugar, há uma naturalização de posturas xenofóbicas em ocasiões em que o próprio meio jornalístico apresenta generalizações sobre os e as migrantes, prática muitas vezes enrustida como “opinião”. Ambas as situações vão ao encontro das análises realizadas ao utilizarem do “discurso” para desqualificar o outro e para reproduzir de maneira implícita a xenofobia já existente.

Nas reportagens de Lovisi (2020), Torres (2021) e Aram (2021) observa-se o cuidado em registrar que o preconceito com a comunidade asiática sempre existiu, expresso muitas vezes apenas por olhares e de maneira silenciosa. Contudo, com a pandemia, o problema ganhou grandes proporções e se apresentou por ataques verbais direcionados as vítimas e por uma sensação de desumanização, onde o desejo da inexistência do outro se coloca como uma vontade de expulsão do migrante. Não suficiente, a importância da família Bolsonaro no agravamento da situação também é explorada de maneira significativa nos casos analisados.

A vinculação do sujeito opressor a matrizes ideológicas que justificam o preconceito e a manifestação do desejo de destruição do outro correspondam a dois *mecanismos de fuga* desenvolvidos durante o processo de formação da personalidade (FROMM, 1972). Contudo, embora tenhamos a possibilidade de realizarmos análises individuais daqueles que praticam ações xenofóbicas, partimos do pressuposto que a incompletude no processo de individuação do sujeito seja uma tendência coletiva. Segundo Fromm (1972, p. 29), “a liberdade caracteriza a existência humana como tal e, outrossim, que seu significado muda de acordo com o grau que o homem se percebe e concebe a si mesmo como um ser independente e separado”.

Contudo, este processo de constituição de um sujeito livre implica o rompimento dos vínculos primários e secundários, movimento complexo, pois eles oferecem “segurança e a sensação de pertencer a algum lugar e neste estar radicado” (FROMM, 1972, p. 30). A formação do sujeito social é direcionada a busca da liberdade e da independência, mas “os limites do crescimento da individuação e do eu são estabelecidos em partes por condições individuais, mas essencialmente por condições sociais” (FROMM, 1972, p. 33). O descolamento do indivíduo em

relação aos seus vínculos primários o insere gradativamente em uma solidão crescente, exigindo novos enfrentamentos.

A impotência e a angústia de estar só exige o desenvolvimento de mecanismos de *sublimação*, que dentro da sociedade capitalista, tendem a ser mais individualizantes. Neste contexto, a insegurança das relações sociais contemporâneas força o sujeito a buscar a inversão do processo de *individuação*, fazendo com que a relação entre o sujeito e a sua submissão não seja eliminada. Em outras palavras, a constituição de um eu livre não é efetivada, pois por medo da solidão e da necessidade de fazer escolhas individuais, o sujeito aceita a manutenção e a reprodução de modos de vida que normatizam suas decisões¹.

Assim, a presença e o usufruto da liberdade trazem responsabilidades e a necessidade de se fazer escolhas, mas, no intuito de encontrar autoproteção, o sujeito busca a submissão em relação a agentes externos, garantido o compartilhamento dos compromissos derivados de suas deliberações. A partir disso, cria-se espaços controlados de sublimação ou de fuga. Para Fromm:

Só há uma solução possível e produtiva para o relacionamento do homem individualizado com o mundo: sua solidariedade ativa com todos os homens e sua atividade, amor e trabalho espontâneo, que o unem uma vez mais com o mundo não por meio de vínculos primários, mas como um indivíduo livre e independente (FROMM, 1972, p. 38).

Indo além, destaca:

Se as condições econômicas, sociais e políticas de que depende o processo de individuação humana não oferecem uma base para a realização da individualidade no sentido que acabamos de mencionar, enquanto ao mesmo tempo as pessoas tenham perdido os vínculos que lhes proporcionavam segurança, este hiato torna a liberdade um fardo insuportável. Ela torna-se, então, idêntica à dúvida, a um tipo de vida que carece de significado e direção. Surgem tendências poderosas para escapar deste tipo de liberdade para a submissão ou para alguma espécie de relacionamento com os homens e com o mundo que prometa aliviar a incerteza, ainda que despoje o indivíduo de sua liberdade (FROMM, 1972, p. 39).

Partindo disso, o autor aprofunda a análise da importância da religião na Idade Média e do fascismo durante a Segunda Grande Guerra como constructos históricos sociais que ocuparam espaço ao garantirem o “alívio das incertezas” derivadas da solidão fomentada da falta de condições estruturais que possibilitassem outra forma de relação dos indivíduos com o mundo. Nos dois casos visualiza-se o surgimento de fronteiras sociais entre o sagrado e o profano e

¹ Jean-Paul Sartre (1987) aborda o problema partindo do pressuposto que o indivíduo já nasce livre por não existir nenhum projeto anterior a sua existência. A liberdade derivada desta situação promove um constante sentimento de desamparo, de desespero e de angústia que são minimizados quando homens e mulheres recorrem a diferentes estilos de vida (ético, religioso e hedonista). Em síntese, os sujeitos sociais, por não saberem ou não conseguirem viver em liberdade, buscam padrões de vida que se encontram externos a eles, atribuindo algum sentido para a vida.

entre o puro e impuro, alimentando a construção de preconceitos e de genocídios. Nota-se que a inserção e a adesão dos sujeitos nas respectivas ideologias existentes nos períodos abordados são conjunturais, da mesma forma que as expressões da xenofobia.

Todos os casos referem-se a *mecanismos de fuga* derivados fundamentalmente da insegurança individual derivada das respectivas dinâmicas sociais, econômicas e políticas. Entre as diferentes formas possíveis destaca-se o *autoritarismo*, que corresponde:

a tendência para renunciar a independência do próprio ego individual e fundi-lo com alguém ou algo, no mundo exterior, a fim de adquirir a força que o ego individual carece. Ou, por outras palavras, procurar novos vínculos secundários como um sucedâneo para os vínculos primários que se perderam (FROMM, 1972, p. 118).

A impossibilidade de agir como um sujeito livre, racional, responsável por suas ações, faz com que ocorra a busca por agentes externos que, ao mesmo tempo, submetam o sujeito a um estado de submissão e lhe garantam a segurança perdida no processo de individuação. O desenvolvimento do autoritarismo como mecanismo de fuga corresponde a reprodução de uma postura que lhe garante a sensação de proteção. Neste contexto, a tolerância e o amor em relação ao outro se manifesta enquanto ele encontra-se dominado, controlado. A partir do momento que estas relações são modificadas, o outro passa a ser um “inimigo”.

Nos casos de xenofobia analisados constata-se a oscilação na hospitalidade e no respeito ao migrante de maneira diretamente relacionada ao lugar em que eles ocupam historicamente. Em outros termos, trata-se daquilo que denominamos anteriormente de “*oscilação configuracional*”, ou seja, a aceitação em relação ao outro está vinculada com a manutenção funcional das fronteiras étnicas (Barth, 1988), a desorganização na relação entre estabelecidos e outsiders faz com que aqueles recorram a instrumentos de persuasão e ameaça no intuito de garantir ou de recuperar uma ordem que aparenta estar sendo afetada. Neste contexto, as agressões verbais, a violência psicológica e física, tornam-se armas para aqueles que buscam uma fuga do processo de individuação.

Outro mecanismo de fuga presente nos casos de xenofobia diz respeito a *destrutividade*. Enquanto no autoritarismo o sujeito busca uma simbiose com um agente externo que lhe garante força, “autoridade”, na destrutividade o sujeito busca a destruição do outro. A fuga em relação ao sentimento de impotência em comparação ao mundo exterior se manifesta na vontade de destruí-lo. Como destaca Fromm (1972, p. 145-146), “a destruição do mundo é a última e desesperada tentativa para poupar-me a ser por ele massacrado”. Trata-se de um recurso extremo daqueles que não encontram outro mecanismo de fuga, na ausência do

entendimento e da ineficiência das tentativas de controle autoritárias, a destrutividade busca a completa ausência do outro.

Nas reportagens analisadas, este mecanismo se manifesta na defesa da extração, nos gritos escandalosos daqueles que desejam o retorno afoito dos migrantes e nos casos em que ocorrem pedidos para um maior controle nos processos migratórios, evitando a entrada de supostos “bandidos” (Andrade, 2021). As reportagens referentes aos ataques sofridos por venezuelanos, chineses e angolanos no Brasil exemplificam a situação. Em todos os casos, “a destrutividade é uma fuga à insustentável sensação de impotência, posto que tem em vista remover todos os objetos com que o indivíduo tem de cotejar-se” (FROMM, 1972, p. 147).

Por fim, há o mecanismo mais usual, o *conformismo de autômatos*:

Este mecanismo em particular é a solução que a maioria dos indivíduos normais encontra na sociedade moderna. Para ser breve, digamos que o indivíduo cessa de ser ele mesmo; adota inteiramente o tipo de personalidade que lhe é oferecido pelos padrões culturais e, por conseguinte, torna-se exatamente como todos os demais são e como estes esperam que ele seja. A discrepância entre o eu e o mundo desaparece e, com ela, o temor consciente à solidão e à impotência (FROMM, 1972, p. 150).

Trata-se do desenvolvimento de respostas massificadas, que não exigem reflexão, mas que acompanham um padrão dominante, trazendo o conforto da não contradição. Nestes casos, a indústria cultural e a imprensa em particular são determinantes na difusão de informações e de julgamentos capazes de influenciar e construir imaginários sobre o outro. Partindo do pressuposto que as ideias dominantes correspondem as ideias das classes dominantes, a construção de estereótipos sobre os migrantes torna-se articulada a maneira em que os governantes estabelecem suas relações e políticas com aqueles que buscaram no país um lugar para reconstruir suas vidas.

Considerações finais

As leituras realizadas demonstram dois aspectos intrínsecos as práticas de xenofobia. Em um primeiro momento, observa-se que a prática é instrumentalizada para marcar o lugar social do não-nacional. Este processo é histórico e tem sua configuração constantemente redesenhada, pois é diretamente articulado com as situações políticas e econômicas enfrentadas no país em um respectivo período. A manifestação e a latência da xenofobia foi relacionada com aquilo que denominamos de “oscilação configuracional”.

Embora a xenofobia possa ser utilizada como uma arma ou como uma ferramenta de estigmatização nas relações sociais, nem todas as pessoas recorrem

as mesmas. Em grande medida, a prática corresponde a um mecanismo de fuga que se expressa no autoritarismo, destrutividade e o conformismo de autômatos. Consta-se que a associação entre a forma em que a instrumentalização da xenofobia é desenvolvida para garantir a demarcação social e a explicitação dos mecanismos de fugir referidos são originadas ou derivadas de um mesmo contexto econômico e político, o que lhes garantem interconexões.

Referências

ACNUR. Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. *Migrações, Refúgio e Apatridia: guia para comunicadores*. ACNUR: Brasília, 2019.

ANDRADE, Marlene de. Crise migratória em Roraima. *Folha BV*, 30 de novembro de 2021. Disponível em: <https://folhabv.com.br/coluna/Opinioao/12928>

ARAM, André. Pandemia aumenta casos de xenofobia: como isso impacta saúde mental? *Uol*, 10 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/04/10/como-xenofobia-impacta-saude-mental.htm>

BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Ed. UNESP, 1988.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders*. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2000.

FOLHA BV. Embaixada da Venezuela se manifesta sobre publicação de candidato. *Folha BV*, 13 de outubro de 2020. Disponível em: <https://folhabv.com.br/noticia/POLITICA/Roraima/Embaixada-da-Venezuela-se-manifesta-sobre-publicacao-de-candidato/69645>.

FOLHA BV. MPF vai investigar candidatos por possível crime de discriminação. *Folha BV*, 04 de novembro de 2020. Disponível em: <https://folhabv.com.br/noticia/POLITICA/Eleicoes-2020/MPF-vai-investigar-candidatos-por-possivel-crime-de-discriminacao/69791>.

FROMM, Erich. *O medo à liberdade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

LOVISI, Pedro. Xenofobia, uma outra doença que veio com o coronavírus. *Jornal Estado de Minas Gerais*, 27 de abril de 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/04/27/interna_gerais,1142295/xenofobia-uma-outra-doenca-que-veio-com-o-coronavirus.shtml.

MAGNO, Douglas. O “monstro da xenofobia” ronda a porta de entrada de venezuelanos no Brasil. *El País*, 27 de agosto de 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/17/politica/1534459908_846691.html.

MERLINO, Tatiane. Angolanos residentes no Brasil denunciam xenofobia causada por crise envolvendo a Igreja Universal em seu país. *Pública*, 03 de setembro de 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/09/angolanos-residentes-no-brasil-denunciam-xenofobia-causada-por-crise-envolvendo-a-igreja-universal-em-seu-pais/>.

RAMOS, Vanessa. “Fui asfiziado, não conseguia respirar”, denuncia haitiano agredido em fábrica da Brasil Foods. *Brasil de Fato*, 15 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/07/15/fui-asfiziado-nao-conseguia-respirar-denuncia-haitiano-agredido-em-fabrica-da-brasil-foods>.

ROCHA, Cinthya. Racismo e xenofobia contra haitianos em ônibus em Cuiabá são apurados pela polícia. *G1*, 20 de abril de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2021/04/20/video-de-racismo-e-xenofobia-contra-haitianos-em-onibus-em-cuiaba-e-apurado-pela-policia.ghtml>.

SARTRE, J-P. O existencialismo é um Humanismo. In: SARTRE, J-P. *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

TORRES, Raquel. Pandemia revela outras faces da xenofobia. *ComCiência – Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, 14 de março de 2021. Disponível em: <https://www.comciencia.br/pandemia-revela-outras-faces-da-xenofobia/>.